



Revista Brasileira de História

ISSN: 0102-0188

rbh@edu.usp.br

Associação Nacional de História  
Brasil

Dutra de Freitas, Eliana Regina  
Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado  
Revista Brasileira de História, vol. 19, núm. 37, septiembre, 1999, p. 0  
Associação Nacional de História  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26303711>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

### Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado\*

Eliana Regina de Freitas Dutra

Universidade Federal de Minas Gerais

#### RESUMO

O artigo pretende mostrar como Plínio Salgado retrata o Brasil e o homem brasileiro, mapeando as raízes culturais "singulares" da nossa brasilidade, em contraste com a realidade européia e, ao fazê-lo, define sua concepção de Nação. O nosso pressuposto é que o quadro referencial que conforma o pensamento pliniano sobre Povo/Nação é o do Romantismo. Os conceitos de Povo/Nação, elaborados em afinidade com esses referentes, devem ser entendidos como parte constitutiva da ideologia nacionalista do integralismo na versão desse autor. Interessa-nos ressaltar que as formulações políticas de Plínio Salgado foram elaboradas em um momento da história brasileira, em que as definições da identidade e do caráter nacional brasileiros eram pré-requisitos indispensáveis para a escolha de modelos e o estabelecimento de padrões de sociabilidade política. Daí a importância de se destacar os seus pontos de contato com a obra de outros ensaístas do período.

**Palavras-Chave:** Plínio Salgado; Povo/Nação; Romantismo.

#### ABSTRACT

The article has the aim to show the way in which Plínio Salgado portrays Brazil and its people. He tracks the unique cultural roots of Brazilian very own self, therefore contrasting them with the European reality and, by doing so, he defines a concept of Nation. Our presupposition is that the referential frame which shapes Salgado's thinking about People/Nation, is the same used in the Romanticism. The concepts of People/Nation, elaborated in affinity with such referential, must be understood as a constitutive part of the nationalist ideology of "Integralismo" in the author's perspective. We are interested in highlighting the fact that the political formulations of Plínio Salgado were elaborated in a moment of Brazilian history, in which the definition of a national identity and character, were considered essential prerequisites for the choice of role models and for establishing patterns of political sociability. Thus the importance to highlight the aspects of his thoughts which have points in common with the work from other authors of the time.

**Keywords:** Plínio Salgado; People/Nation; Romanticism.

O objetivo deste texto, num sentido mais amplo, é pensar como, e com que particularidades, constituíram-se, em diferentes tradições do pensamento intelectual e político brasileiro na primeira metade deste século, e em contraste com a Europa, perfis de brasilidade e matrizes de interpretações sobre a identidade nacional e o padrão brasileiro de sociabilidade política. Num sentido mais restrito, as nossas reflexões tomam como base a obra de Plínio Salgado e voltam-se para a sua concepção de Povo/Nação. Esses termos foram forjados por Plínio, no bojo de suas atuações e lutas políticas, nas quais uma questão essencial, à semelhança do já registrado em outras histórias dos discursos sobre a Nação, era a definição das palavras e termos concorrentes<sup>1</sup>.

O texto central aqui utilizado para análise foi o *Despertemos a Nação*, de 1935<sup>2</sup>, que reúne textos escritos pelo autor entre 1926-1934. Também nos valem das obras *Páginas de Ontem*, de 1955<sup>3</sup>, *O Integralismo Perante a Nação*<sup>4</sup>, de 1945, e do *Compêndio de Instrução Moral e Cívica*<sup>5</sup>, de 1968, no qual o autor, numa linha de continuidade e fidelidade às idéias expressas nos anos 20 e 30, agrega às suas formulações explicitações úteis para uma maior compreensão do seu exercício de conceituação<sup>6</sup>. Interessa-nos, sobretudo, situar as definições de Plínio Salgado dentro de um campo contextual do pensamento político sobre o Brasil, em que se

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

destacam traços que, a nosso ver, estão presentes em outros autores da sua geração, embora nem todos pertençam, necessariamente, à sua tradição política. Nesse caso estamos pensando em Vicente Licínio Cardoso, Tristão de Athaide, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Cassiano Ricardo. O nosso pressuposto é que o quadro referencial que conforma o pensamento pliniano sobre o Povo/Nação e define os matizes do seu pensamento político é o do Romantismo, na tradição, com momentos de maior ou menor aproximação, do conservadorismo de autores românticos como Novalis, de De Bonald, de De Maistre<sup>7</sup>, tanto quanto, guardadas as devidas diferenças, do utopismo romântico de um Michelet.

Pensamos que a dimensão romântica da obra de Plínio Salgado, embora alinhada com autores do primeiro movimento romântico, pode ser compreendida dentro do que Michel Lowy<sup>8</sup> chama o novo surto de Romantismo que ocorre entre o final do século XIX e o começo dos anos trinta. Segundo esse autor, esse novo Romantismo pode ser definido enquanto uma corrente sócio-política que tem como traço principal a "nostalgia das sociedades pré-capitalistas e uma crítica ético-social ou cultural do capitalismo". É clara a sintonia de Plínio Salgado com esses traços que, no entanto, são delineados na sua obra em afinidade crítica com os motivos e as cores do Romantismo do final dos setecentos e começo dos oitocentos, os quais serão o fio condutor da leitura que empreenderemos aqui. Contra a filosofia das Luzes, opondo-se ao culto da razão universal, o Romantismo vai enfatizar as formas e concretizações particulares da essência humana por meio da busca das "raízes" de um povo e do encontro com o "ser nacional". Interessa-nos a sua tradução na obra de Plínio Salgado.

### A ALMA DE UM SÉCULO E A RAIZ NATURAL DA NAÇÃO

A presença do aporte romântico na obra política de Plínio Salgado e a sua importância na construção de uma visão totalitária do mundo, tal como difundida pela doutrina integralista, não têm sido privilegiadas pela historiografia, não obstante a existência de vários, e excelentes, trabalhos sobre o integralismo e mesmo sobre o totalitarismo de Plínio Salgado, que já consolidaram elementos definitivos para a compreensão da obra desse autor <sup>9</sup>.

Já na primeira parte do seu *Despertemos a Nação*, designada de *Intuição*, datada de 1926-1927, Plínio Salgado dedica algumas páginas<sup>10</sup> bastante reveladoras à exposição da relação do Brasil com o Romantismo. Nelas, em formulações claramente afinadas com o pensamento romântico, ele define o Romantismo como sendo a "Alma de um Século", a grande força que o dirige, "talvez o senso íntimo de uma nova geometria tentando recompor a feição espiritual humana", perdida frente ao predomínio material da sociedade capitalista. O Romantismo assim, para Plínio, é "um estado de consciência universal", do qual nem mesmo aqueles que o contestaram escaparam da "unidade absoluta da sua força causal", ou do anseio romântico enquanto tal. Este teria sido, segundo Plínio, o caso de Zola, em cujo funeral recebeu de Anatole França a designação de "o grande romântico"<sup>11</sup>. Por identificar no Romantismo essa unidade absoluta é que Plínio insiste em não distinguir

(...) elementos essenciais na força que se manifesta, ora nos grandes gestos de crença, ora no ceticismo e na ironia, no antagonismo das atitudes que se defrontaram no século XIX. Encontro uma identidade perfeita no satanismo de Byron e no alto voo de Hugo; no sentimento de Lamartine e na feição displicente dos humanistas à Renan e até no alto lirismo dos grandes poetas do primeiro Romantismo como na feição minuciosa dos parnasianos e realistas"<sup>12</sup>.

Tendo surgido no século XVIII e avançado sobre o século XX, o Romantismo, como a grande e poderosa força que dirige o século, se traduziria, no Brasil, segundo ele, na luta heróica do homem brasileiro para se libertar da Europa, e a sua nova expressão no país se escudaria na versão objetiva "do conjunto de fenômenos reveladores da personalidade integral, de forma a se evidenciarem os fatores comuns da raça em formação".

Ao resgatar nossas origens e nossa personalidade de Nação, o Romantismo, fenômeno universal, teria se manifestado no Brasil, na leitura de Plínio Salgado, conquanto um tradutor de nacionalidade, pois expressão da terra e dos delineamentos da raça em elaboração. A sugestão aqui, a nosso ver, é de que terra e a raça possuem um nexos fundamental, um vínculo primitivo, e se constituem uma espécie de raiz natural da Nação. A nossa formação política teria sido

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

portanto demarcada dentro dos limites do Romantismo. A força do Romantismo indianista de José de Alencar e Gonçalves Dias estaria nessa função de "expressão" que eles deram à força latente da nossa nacionalidade<sup>13</sup>.

Assim também se manifesta Tristão de Athayde<sup>14</sup>, que destaca o legado de nacionalismo dos literatos românticos. Segundo ele, "o Romantismo em nossas letras corresponde em política ao período imperial de nossa história. Esse momento viu, a um tempo, a nossa formação política e literária". O Romantismo foi, na expressão de Athayde, um sonho de brasileiro, de onde saiu o primeiro impulso coletivo para a literatura brasileira. Segundo esse autor, se Castro Alves foi a figura central do Romantismo, enquanto valor estético, Alencar o teria sido como valor social e simbólico, representando a "figura nacional por excelência". Isto porque Alencar teria ligado "as duas faces da formação nacional - a vida real e a vida ideal da raça brasileira. Procurou a verdade e a ficção. Nunca as dissociou. E nesta, sentiu como ninguém toda a complexidade pátria." Entretanto, Plínio Salgado defende uma maior violência no sentido de ultrapassar a expressão da nacionalidade alcançada pelos indianistas. As suas referências a Gonçalves Dias e José de Alencar se dão pela sua afinidade com esses autores românticos que buscam, como ele mesmo, estabelecer uma origem do nacional. É preciso no entanto, ele enfatiza, ir além deles e romper, por um lado, "com os seus vícios nas expressões personalíssimas de transbordamentos, emoções artificiais, desregramento lírico ou atroz ceticismo(...)" Por outro, romper com as atitudes inferiores do Romantismo, as quais aprisionavam os brasileiros na vergonha e na angústia próprias de um homem "comprimido entre uma civilização transplantada e a terra bárbara"; e também unificar a consciência nacional e, com ela, cortar todas as ligações com o Velho Mundo. Esse novo Romantismo teria uma ação revolucionária enquanto expressão, segundo ele, do grito rebelde da Nacionalidade "que visaria, por força da formação espiritual brasileira, "a completa destruição dos ídolos europeus e o despertar das energias adormecidas no recesso do sangue e da alma do Brasil".

É por expressarem o "drama da angústia e desesperação" dos brasileiros frente aos contrastes entre a civilização, européia na origem, e os imperativos mesológicos do Brasil com sua natureza rude e virgem, que Plínio se refere às obras indianistas de Gonçalves Dias e José de Alencar, bem como às de Euclides da Cunha, Alberto Torres<sup>15</sup> e Farias Brito, como "tragédia". Em José de Alencar, o combate e a tensão próprios da diferença cultural presentes em *Iracema*, e expressos na sua "maternidade mortal"<sup>16</sup>, talvez tenham significado para Plínio um "desregramento lírico" e trágico; enquanto em Euclides, nos *Sertões*, os "crimes da nacionalidade", as ruínas, a natureza caótica, a paisagem arrasada, a solidão humana, "sinais de uma história nada progressiva ou edificante, mas, antes, anfiteatro inacabado e trágico(...)"<sup>17</sup> seriam tradutores em potencial do que Plínio denomina de ceticismo atroz. Embora colocando esses dois autores no registro da tragédia, é com a sua mesma força romântica e uma, responsável pela elaboração de nossa "personalidade de Nação", que Plínio pretende ultrapassá-los, e unificar a consciência nacional, rompendo todas as ligações com a Europa. Segundo ele

Demos, por milagre dessa força, um novo sentido ao "Facundo" de Sarmiento, para não cairmos na caracterização da república Argentina, que, interpretando o grande livro sob a sua feição internacional de panfleto, chegou a ser uma Nação rica, mas sem traços de originalidade<sup>18</sup>.

A crítica de Plínio a Sarmiento está na força absolutizada que os contrastes e a oposição entre civilização e barbárie e seus inevitáveis conflitos, exercem nos pressupostos e na construção de sua obra voltada para realidade latino-americana. Enquanto ele, ao contrário, prefere enfatizar, como poderemos ver mais detalhadamente à frente, que o homem brasileiro - como os demais sul-americanos - na sua plenitude natural e instintiva, e mais próximo às raízes, seria, por isso mesmo, portador do segredo político do futuro e do destino histórico luminoso do continente, e um representante mais autêntico da nacionalidade. Quanto aos argentinos Plínio considera ser um problema daquele povo o fato de terem sido pouco fiéis à terra e à raça.

Tristão de Athayde, ao tematizar também sobre os contrastes, chama de "bovarismo orgânico"<sup>19</sup> da nossa história e do nosso espírito a (...) divergência constante entre a fatalidade do tempo que vai moldando lentamente e descontinuamente por vezes a nossa realidade nacional, e as exigências de nossa idealidade tão

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

pronta, tão viva e ao mesmo tempo tão vazia de pertinácia e de fôlego; entre o que a natureza nos força a ser e o que a inteligência pede que sejamos<sup>20</sup>.

Esse bovarismo estaria na base da fácil desesperança de espíritos e da ambigüidade moral que não permitia que a alma nacional encontrasse o seu ser. Ele afirma que a geração romântica de José de Alencar e Castro Alves era dominada pelo gosto de um fazer brasileiro, de criar uma arte das selvas, de idealizar uma pátria nova. Mas a literatura imperial procurou, tal como a política imperial, criar para o Brasil, via literatura,

(...) uma fisionomia espiritual que iludia àqueles que a concebiam. Julgavam ter realizado uma arte brasileira, adaptando moldes europeus a paisagens tropicais, como os estadistas pensavam modelar socialmente o Brasil, adaptando formas parlamentares européias à anarquia e apatia americanas<sup>21</sup>.

O Romantismo teria sido uma espécie de ilusão do brasileiro literário. Apesar do mesmo diagnóstico - a atitude inferior do Romantismo - a solução defendida por esse autor para esses impasses no campo da literatura é a da assimilação recíproca entre cosmopolitismo e regionalismo, ao contrário de Plínio Salgado que, como veremos a seguir, na política e na cultura defende um exclusivismo nacional. Nas suas reflexões sobre a arte brasileira ele insiste no fato de que os brasileiros teriam seu próprio estado de espírito, e que este é uma forma de ambientação.

Nosso ambiente tem que ser brasileiro (...) O horror de parecermos ridículos tem-nos tornado mais ridículo. Receamos que a Europa não nos julgue bastante atilados e perspicazes para compreendermos a "sua arte". Sentimo-nos envergonhados por não compreendermos Marcel Proust e humilhados se não deciframos as charadas de Marx Jacobs. Imitamos os *touristes*, apreciando com os olhos de curiosidade com que Martius colecionava borboletas, ou assumimos as atitudes esportivas do coronel Fawcett, abrindo a boca em interjeições com os mesmos "ohs!" que iluminavam as caçadas de Roosevelt. Tomamos o Brasil como um tema só porque o Sr. Blaise Cendrars fez uma poesia sobre um negro. Temos a visão seca e meramente formal de nossa terra. Ora o é voltarmos à espontaneidade<sup>22</sup>.

Na sua defesa do grito rebelde da nacionalidade, o nosso autor não está só, e tem também a seu lado um ensaísta como Ronald de Carvalho<sup>23</sup> que, em texto contemporâneo ao de Plínio Salgado, clama pela destruição do preconceito europeu e apela para que sejam destruídas as máscaras postiças que encobrem a verdadeira fisionomia dos povos americanos. "Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano", este é o seu brado frente ao que, como Plínio e outros, considera o dilema brasileiro, ou seja, valorizar fórmulas, postulados e regras "que não se adaptam ao nosso temperamento". Para superar o dilema, ele afirma ser dever dos brasileiros erguer a civilização latino-americana "gerada em nossa carne e fruto do nosso sangue". Nessa tarefa seria essencial recorrer ao substrato americano que existiria "desperto sob as nossas aparências regionais, e ele é tão positivo como o espírito de unidade política, a identidade moral e sentimental da raça brasileira"<sup>24</sup>. Aqui também um vínculo primitivo é invocado.

Por seu lado, Plínio, como saída para superar o que denomina a "tragédia dos nossos dias" insiste:

Ou coordenamos as linhas mestras da nossa nacionalidade, ou falhamos como povo masculino. Porque há povos masculinos que fecundam, e povos femininos que se deixam fecundar. Ambos podem ser belos, como expressão humana, mas o fato é que um fecunda e outro é fecundado (...) Como povo temos que nos definir"<sup>25</sup>.

Ele se afirma convencido de que seremos uma Nação que falhou para a virilidade, se o país prescindir da ação procriadora e da iniciativa dos atos fecundantes. Daí ser necessário optar por um destino.

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

### TEMPO, HISTÓRIA E FATALIDADE ÉTNICA

Para acompanhar os desdobramentos da adesão de Plínio Salgado ao Romantismo é necessário ter em mente que o discurso político, bem como o imaginário utópico dos românticos assentam-se numa noção peculiar de tempo e de história, onde se destacam uma certa idolatria nostálgica do passado e a representação da história como uma necessária volta às origens<sup>26</sup>. Enquanto tal, constituem, como veremos, a pedra angular da idéia de Povo/Nação de Plínio, e da sua busca e convocação emocional, da Alma Nacional, do Espírito, e do Sentimento de Nacionalidade.

A idéia da necessidade de uma volta às origens, da valorização do passado e da importância da sua decifração, tão cara ao ideário romântico de diferentes matizes, está posta, de acordo com a reflexão de Plínio Salgado, na possibilidade de descoberta da interioridade dos indivíduos e dos povos, imprescindíveis para a definição de sua identidade. Esse culto do tempo e da história é revelado em toda a sua transparência não só nas páginas do seu *Despertemos a Nação*, particularmente em *A Anta e o Curupira*<sup>27</sup>, mas também no seu *Compêndio de Educação Mora l e Cívica*<sup>28</sup>, com a afirmação de que o entendimento do processo de formação da nacionalidade brasileira passa pela diversificação das palavras País, Pátria e Nação. Isto porque nas nações surgidas depois dos descobrimentos portugueses e espanhóis, a sua formação teria obedecido a diferentes escalas do processo psicológico. Primeiro a impressão da terra, das paisagens, e de suas riquezas, vegetais animais e minerais, isto é o que define o País e compõe o solo comum.

Outra escala é o sentimento, as ligações afetivas, como resultado do "convívio entre o homem e a terra, ou país". Aqui, no nosso entender, o que se destaca é a relação da emoção individual com o cenário, e a associação de idéias entre paisagem/fato ocorrido, fato ocorrido/paisagem. A paisagem como testemunha das emoções alegres ou tristes iria sedimentando o amor pela terra que, estendido a outros lugares e outros grupos humanos que falam a mesma língua e compartilham religião e costume, ampliaria e transformaria um sentimento que era apenas local, isto é a Pátria. Devido ao seu submetimento ao meio, o homem, afirma Plínio, só se manifesta "como colisão do ser e do ambiente", seja do aspecto moral ou mental. Assim sendo a Pátria é considerada "uma fatalidade humana".

Já a Nação, seria a consciência da "diferenciação dos demais grupos nacionais", fundada "na tradição própria, na vocação e temperamento do povo, nas aspirações visando a uma destiNação histórica". Só essa consciência é capaz de gerar a nacionalidade. A Nação é assim um ser dotado de alma, estando essa alma referida ao "instinto da raça, ao espírito nacional e ao sentimento das multidões", tal como expresso no *Despertemos a Nação*, e, enquanto tal, é uma "fatalidade étnica". Nesse ponto, convém chamar a atenção para o fato de que nessa definição de Nação de Plínio Salgado, o termo étnico é utilizado para se referir a um grupo que é, a um só tempo, biológico - portanto racial - cultural e afetivo.

Mais de um século antes de Plínio Salgado, Herder, um nome expressivo para o Romantismo alemão, elaborou uma definição étnica de Nação na qual postulava que é o sentimento que os indivíduos carregam, e não a razão, o que os ligaria à Nação. A origem e a cultura comum dos indivíduos, e não o contrato social, é o que fundaria a sua legitimidade. O que Herder chamava de Nação, alerta-nos Noiriel<sup>29</sup>, estaria próximo do sentido contemporâneo dado a grupo étnico, o qual se apóia no tripé tradição, língua e sensibilidade, como sendo o que há de comum e de natural, de original, entre membros de uma comunidade. A raça assim, segundo esse autor, não integraria a definição de Herder e teria sido um elemento ao qual esse se opôs, muito embora a ênfase e exaltação das origens, tão valorizada por ele, possa ter desembocado posteriormente, no caso alemão, na valorização do sangue e na raça.

Já para Plínio Salgado a nacionalidade, entendida enquanto fatalidade étnica, estaria então, diferentemente de Herder, atada a consequências atávicas, a fatalidades geográficas e climatéricas, à imposição de um ritmo de trabalho, às tendências sentimentais. É visível, nesse entendimento do autor, a força do princípio naturalista na sua concepção de Nação expresso sobretudo pelas identidades de raça<sup>30</sup>, território, cultura e língua. Contudo, para além dessas identidades, a Nação também é um ser de memória.

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

A memória da Nação, nos diz Plínio Salgado, nas suas lições de civismo<sup>31</sup>, é a sua História. "Um povo que ignora ou não recorda o seu passado, enfraquece-se, ou perde a sua personalidade de grupo humano". A tradição, nessa linha, é uma idéia correlata da história conquanto nessa se fundamenta toda instituição humana. A tradição é colocada como "a garantia da sustentação dos caracteres essenciais da psicologia de um Povo, da manutenção de suas virtudes e das aspirações constantes do seu progresso". Esse alinhamento da tradição e do progresso coloca um ponto bastante interessante para a nossa reflexão da construção do Povo/Nação em Plínio Salgado o progresso sem a tradição, ele enfatiza, não teria finalidade alguma, por isso mesmo as duas palavras seriam sinônimas: "Se tradição etimologicamente quer dizer passar para diante o que vem atrás, também o prefixo "pro" significa ir para diante vindo de trás"<sup>32</sup>. Aqui estão colocadas duas idéias complementares e sintonizadas, ambas, com as utopias românticas. A primeira afirma a necessidade genealógica de ligar o presente a uma ordem anterior, e histórica, dos fatos, reinserindo os homens ao imperativo, e à irreversibilidade, da duração. Nela, o passado é totalmente idealizado.

A segunda sinaliza para um contraste, num viés progressista mas sem solução de continuidade, do presente com o passado, no sentido de que a história é o repositório dos verdadeiros e legítimos valores morais, éticos, políticos, portanto, o veículo por excelência da regeneração da vida social humana. No passado estariam conservadas as virtudes e as qualidades humanas e espirituais necessárias à realização da solidariedade social e do desenvolvimento integral do povo. Nessa monumentalidade da memória, nesse "território temporal unificado da tradição", tomando como nossas as palavras de Bhabha<sup>33</sup>, torna-se possível a emergência da Nação.

A tradição permitiria, ainda, a percepção do destino de um povo, uma vez que, segundo Plínio, cada povo teria seu próprio destino ou missão histórica. Dessa forma, o estudo da história universal mostraria as diferenciações étnicas, as localizações geográficas, as diversidades psicológicas e circunstâncias econômicas que assinalariam "o sentido da contribuição nacional na obra civilizadora da Humanidade"<sup>34</sup>. O que ele na realidade está dizendo aqui, é que Povo e Nação são particularidades nacionais voltadas para a realização de um ideal universal. Noutro registro, é interessante registrar que Michelet, o qual foi inicialmente influenciado pelo Romantismo alemão, tendo descoberto na Alemanha as teses do "gênio do povo" e da harmonia terra/homem/instituição<sup>35</sup>, dizia no seu *O Povo*: a pátria é a iniciação necessária à pátria universal<sup>36</sup>. Cabe destacar que a visão revolucionária de uma França como Nação universal, em Michelet, advém do triunfo francês sobre os particularismos do corpo nacional - no caso sobre as províncias enquanto membros desse corpo - alcançado pelo espírito da Nação, ou seja, pela sua cabeça, simbolizada por Paris. Essa ficção organicista de Nação-sujeito construída por Michelet, escudada na interação homem/meio, e em fatores de ordem histórica e de ordem geográfica, estão na base da crença micheletiana de que a França deveria seguir sua missão histórica liberando toda a humanidade, uma vez que havia alcançado sucesso ao transformar suas nacionalidades em Nação<sup>37</sup>.

Resta-nos perguntar qual é, na visão pliniana, a contribuição do Brasil à história universal, como harmonizar a nossa realização nacional com a história universal? Para responder com Plínio, é preciso voltar às nossas raízes coloniais. Afinal, o período colonial brasileiro parece ser, para esse autor, o nosso substitutivo simbólico da idade média européia, e como tal, precisa ser resgatado.

### ANCESTRAIS LEGÍTIMOS E O MATRIMÔNIO DAS RAÇAS

Em primeiro lugar é preciso assinalar que a nacionalidade brasileira, como as outras nacionalidades do Novo Mundo, procede, segundo as assertivas de Plínio no seu compêndio de moral e civismo, das Nações Ibéricas com seus empreendimentos nas navegações, as descobertas dos continentes e as iniciativas de expansão da fé cristã. Esta particularidade nacional teria feito do Brasil um continuador da missão portuguesa. Daí nosso destino histórico estar vinculado ao que ele denomina de "sentido ecumênico da ação portuguesa no mundo", sobretudo no que diz respeito à sustentação da divulgação da fé cristã, das normas do Direito, com a subsequente consciência jurídica e o sentido político da ordem e da "civilização, baseadas na compreensão de um humanismo perenemente novo"<sup>38</sup>.

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

Em segundo lugar, sem perdemos de vista a noção romântica de tempo e história, deparamo-nos com a subsequente identificação do espírito da Nação brasileira: como sendo também o mesmo da Nação portuguesa, ou seja, o "espírito de um povo de navegantes, guerreiros, e apóstolos". Dessa forma, é por estarmos presos ao elo de uma mesma cadeia de acontecimentos, da qual fazem parte igualmente as aventuras marítimas e o descobrimento do Brasil, que compartilhamos, com os portugueses, o mesmo espírito. Nessa identificação talvez se faça presente uma certa nostalgia sebastianista - como a que contagiou o poeta Fernando Pessoa e referenciou sua defesa do autoritarismo - com seu sonho/expectativa messiânica "da volta do Enviado, do Encoberto, para fundar um império ainda mais glorioso do que aqueles do passado"<sup>39</sup>.

A lógica de Plínio Salgado é que as Nações são constituídas de espaço geográfico e tempo histórico: um é o corpo da nacionalidade, o outro o espírito. Ambos são elementos da identidade nacional porque a combinação de fatores de ordem geográfica e ordem histórica é que teriam assegurado as permanências que, através dos tempos, avalizam nossa origem.

Esse espírito é integrado por séculos de história da monarquia portuguesa, a qual se confunde com o objetivo de expansão da fé e do "império de sua lei", e dela se origina a história do Brasil. Esta é, cremos poder afirmar sem nos afastarmos do pensamento do autor, parte de um esforço ancestral e coletivo que se desenrolaria numa linha genealógica e épica, da qual a colonização é um momento fundante.

Raciocínio semelhante encontramos em Ronald de Carvalho<sup>40</sup> quando ele volta à história do Brasil para fundamentar as bases da nacionalidade brasileira. Enaltecendo a ligação Brasil/Portugal, remonta, como Plínio, ao período colonial. Ali temos o "ciclo de defesa" em que o jesuíta e o senhor de engenho são apontados como os artífices da nossa nacionalidade tanto quanto o bandeirante o é no ciclo da conquista. O jesuíta por favorecer o caldeamento ético, protegendo os indígenas e sua cultura, e por "plantar as raízes do catolicismo no coração da nossa terra"; o senhor de engenho, por que com suas atividades na agricultura e pecuária definiu o núcleo essencialmente rural da nossa sociedade, "como a dos francos e germanos na idade média". O fator moral da religião e o fator econômico constituíram-se, na sua opinião, em bases do futuro Estado. Com o senhor de engenho, que com sua bravura comandou brancos, índios e negros - os representantes das três raças coloniais - na luta contra os invasores, triunfou no Brasil a causa da nacionalidade. Da colônia nos vem, segundo ele, a primeira lição de patriotismo. Os bandeirantes no entanto é quem melhor representam as origens portuguesas, uma vez que "engrandeceram e dilataram o patrimônio recebido dos portugueses, repetindo, na floresta bravia, a tragédia de sangue e fogo dos lusos na mar alto." O ciclo da consolidação da nacionalidade dá-se no período da mineração, tendo na Inconfidência Mineira e em Tiradentes exemplos notáveis. O ciclo da independência, no qual se situam o primeiro e o segundo império, acaba por unir a nacionalidade em laços indissolúveis dentro de um amplo território. A República portanto encontrou a nacionalidade formada e unida.

Enquanto tal, a força da experiência da colonização deve ser simbolicamente recuperada, pois o Brasil pós-colonial teria entrado num estado de indigência moral e espiritual aprofundado no período republicano pelos governos, partidos, instituições e classes sociais dominantes<sup>41</sup>.

Na ênfase da colonização, portanto, como um tempo do encontro e correspondência das raças, destaca-se um traço importante do imaginário romântico sobre o povo/Nação: a promessa de sermos a grande pátria da raça harmoniosa, a pátria universal. Na experiência da colonização, centrada na força étnica profunda dos povoadores iniciais, engendrar-se-ia um modelo de realização coletiva da história. A possibilidade de elaboração da humanidade do futuro estaria localizada no grande "matrimônio das raças" tornado realidade no Brasil também por força das disparidades climáticas, as dissemelhanças das regiões, a variedade dos aspectos.

Com menos otimismo um autor como Tasso da Silveira, no seu ensaio *A Consciência Brasileira*, endossa a idéia de Plínio, afirmando no entanto que "nós viemos verdadeiramente do princípio, começamos a constituir uma raça verdadeiramente nova. Mas por isso mesmo, temos de suportar mais longa aprendizagem". O que preocupa Tasso, como ele mesmo admite se alinhando com Oliveira Vianna, é a complexidade do problema racial no Brasil. O fato de não ter

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

ocorrido no Brasil uma cristalização definitiva da raça, seria um impedimento para termos uma grande arte e um grande pensamento, como uma filosofia brasileira, não obstante o "orgânico idealismo da nossa alma de povo", o pendor idealista do espírito nacional, expresso por exemplo na tendência para uma concepção religiosa de vida. As nossas manifestações espirituais traduziriam "o caráter fortemente idealista da variedade étnica em formação". Das nossas condições étnicas, por estarmos longe de uma perfeita integração racial, adviria, no seu entender, "o contraste entre o íntimo tumulto de esperança, e a exigüidade de nossas realizações".

Segue que, em conformidade com o matrimônio da raças, encontramos em Plínio Salgado a afirmação de que "como Nação o Brasil é único na história de todos os tempos"<sup>42</sup>. Só aqui uma multiplicidade de fatores e ocorrências convergiu na formação una da nacionalidade. O índio, expresso de forma exemplar pela raça tupi, descendente da anta, predomina sobre as outras raças. A unidade racial tem origem no elemento tupi, a grande raça que, segundo Plínio, "plantou no sangue do branco a nostalgia do Oeste, que determinou a investida bandeirante, vitoriosa naquele rumo e que até hoje nos indica o caminho predestinado da Nação"<sup>43</sup>, como pensava outro contemporâneo de Plínio, o modernista Cassiano Ricardo. Entendemos pois, que a homogeneidade cultural é vital e imprescindível à nacionalidade e à coesão nacional.

### POVO CRIANÇA, NAÇÃO HEROICA

Para que o povo brasileiro - esta entidade coletiva, orgânica, resultado do cruzamento, da fusão racial tão alardeada pelo Romantismo indianista - seja despertado para a consciência do seu destino grandioso e "adquiras energias e discipline seus movimentos"<sup>44</sup>, é preciso que ele seja instruído sobre a sua missão na história e sobre o que o futuro lhe reserva. Essa preocupação pedagógica escuda-se no reconhecimento do povo brasileiro como um povo-criança, "um povo", segundo Plínio Salgado, "fundamentalmente bom", mas sem nenhuma capacidade de realização e que "espera pelo seu Messias, como um menino confia na guarda e na proteção de um adulto"<sup>45</sup>. O que ele defende aqui é a proteção do povo, aliás, como os românticos de todos os matizes, confirme nos lembra Romano<sup>46</sup> ao analisar a obra de Novalis e de De Bonald. O povo brasileiro, tal como pensado por Plínio ao longo dos anos vinte, além de muito rudimentar, quase primário, de ser dotado de uma personalidade superficial - pouco profunda para discernir - infantil e caprichosa é "um povo que ainda não se definiu; que não cristalizou ainda uma consciência política, nem um sentimento de nacionalidade; que se identifica no conjunto exatamente pela disparidade das feições individuais". Este instinto bom do povo brasileiro estaria travado pelas forças que até então detinham o comando da sociedade: partidos, classes, governos (...) A alma desse povo precisaria ser despertada pois, sem alma, o povo não poderia historicamente existir. Esse despertar seria tarefa para governos fortes, nascidos das raízes nacionais, capazes de tocar o povo porque em sintonia com o instinto da raça, o espírito nacional e o sentimento das multidões. Surgindo em meio a campanhas abertas sobre o movimento das massas populares, esses governos despertariam o povo "com coragem, com fé, com energia, numa arregimentação contínua, em permanente doutrinação, em disciplina perfeita, em esperança renovada, em sugestão espiritual"<sup>47</sup>. A ordem espiritual seria objetivo a ser alcançado pela "doutrinação, pela propaganda, pela educação constante, paciente, das massas populares"<sup>48</sup>. Essa obra de educação é o que Plínio denomina "Revolução Espiritual".

Essas reflexões são precedidas de outras que alertam para o fato de que "somos um país, mas não somos uma Nação. Somos um povo mas não somos uma coletividade"<sup>49</sup>. Para sermos uma Nação e uma coletividade ele acena, pedagogicamente, ao povo com o que chama de messianismo fundado na realidade em oposição ao messianismo do povo polarizado na figura do herói. Dentro do seu messianismo alternativo o Messias é não o homem herói, mas a Nação heróica feita da unificação, da associação das próprias forças da população brasileira. Essa Nação heróica talvez possa ser pensada como uma espécie de equivalente ao que já foi designado de Messias Plural<sup>50</sup>, tão mitificado por Michelet e outros. Só o sentimento de unidade e o senso político de coletividade nacional são antídotos eficazes contra o homem herói. A unidade nacional tem sua existência afirmada por Plínio, que a vê alojada no sentimento nacional, não obstante o fato salientado por ele de que

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

(...) somos uma Nação de imaginativos (...) o brasileiro oscila continuamente entre arrebatamentos e depressões, períodos de exaltação heróica, seguidos de marmóreas apatias e cétricos desânimos (...) Os grandes estados de espírito nacionais, as paixões partidárias, os sentimentos de ódio e vingança, de amor e entusiasmo, passam sobre nós como as ondas de frio ou calor, produzindo seus efeitos com rapidez assombrosa, mas desaparecendo tão rapidamente que não deixam vestígios<sup>51</sup>.

Também Ronald de Carvalho<sup>52</sup> nos diz que a alma brasileira nasceu de três grandes melancolias: a saudade portuguesa, a sensibilidade ibérica e o fatalismo da imaginação oriental, de um lado; de outro, a inquietação e o terror cósmico do índio, por último a queixa imensa da humilhação e o travo do sentimento resignado do africano. Isto, somado à aspereza da natureza, pouco generosa, segundo ele, para as criações do homem civilizado e tornando o trabalho dos brasileiros de uma dureza sem par, explicam nossa melancolia e as tragédias do nosso espírito. Nessa luta se forjou, no seu entender, o caráter firme e obstinado da nossa raça.

Por seu lado, Tristão de Athayde<sup>53</sup> dá a sua colaboração ao traçado da amargura nacional e da alma atormentada de seu povo. Após considerar que nós, na América do Sul - onde as diferentes fases da civilização coexistem "desde o selvagem no último grau de decadência, até as inteligências mediterrâneas e sutis que se isolam e murcham nestes trópicos excessivos e ainda primitivos" - somos nacionalidades apressadas, diz que de tudo isso "emana a sensação do efêmero e um pressentimento contínuo de morte".

Frente ao espírito irrequieto do brasileiro, a instabilidade, a dúvida, a confusão, o ritmo intelectual sem constância, a heterogeneidade inconciliável no plano mental, a ambigüidade curupira da alma nacional, que se renova a cada noite, cumpre unificar o pensamento nacional num sentido de finalidade, coordenar os sentimentos da massa, disciplinar os movimentos sociais, libertar as "forças tradicionais do cosmopolitismo opressivo"<sup>54</sup> para, seguindo as palavras de Plínio Salgado, "plasmear na argila amorfa de quarenta milhões de habitantes o corpo harmonioso e forte de uma gloriosa Nação"<sup>55</sup>.

Para esculpir esse organismo da Nação é preciso a cultura, uma revolução cultural, paralela à transformação revolucionária do espírito nacional. A cultura, no seu entender, é o que sintetiza os conhecimentos da finalidade espiritual e a compreensão da modalidade sentimental. Ora, o organismo, na epistemologia do Romantismo, é a marca da identidade entre natureza e espírito. É ele que funda, no entender de Gusdorf<sup>56</sup>, "a possibilidade de uma compreensão do mundo e de si mesmo sob o princípio de uma analogia". Pois bem, a comunhão do homem com a natureza é o que Plínio tira como uma das lições maiores do Romantismo indianista encarnado na figura de um Peri. Uma nova compreensão da natureza é postulada por ele em nome do encontro com o ser nacional, com as reservas de origem, com as forças primitivas de sentimentos e pensamentos e a força bárbara do brasileiro. A ânsia criadora e a intuição brasileira próprias do Tupi são enaltecidas conquanto anteparos contra a onda de modernidade de um mundo em agonia, expressas pelo relativismo einsteiniano, pela psicanálise de Freud, pelo método histórico de Spengler, pelas técnicas burguesas que invadiram o campo da arte e da estética, tal como o expressionismo, o surrealismo, o dadaísmo, o cubismo, que teriam sido, em parte, salutares por terem sutilizado, por acaso, nossa sensibilidade e dado um sentido diferente aos motivos brasileiros acordados nos espíritos.

O Brasil foi descoberto, novamente, por acaso. O tupi valorizou-se como nos tempos do Anchieta. Ele dormia no sangue da Pátria. Ele guardava não somente o inédito expressional, mas, ainda, os últimos movimentos instintivos e sentimentais de que são determinados, no altiplano de cinco séculos, nossos exatos movimentos de hoje, ele guarda nas suas porandulas, a teogonia nativa da selva americana; seus totens revelam misteriosas fisionomias da nossa Nacionalidade "(...) O que fizeram os poetas e romancistas do nosso Romantismo foi transplantar para a sua literatura o primeiro plano desse panorama desse indianismo. Mas, a nós, é o segundo plano que nos interessa. Procuramos o que está atrás da sombra de Peri. Porque é isso que, justamente, o que ficou no imenso substrato nacional. A psicologia das lendas, a comunhão do homem com a natureza, plasmando os mitos e entretecendo os episódios (...) "<sup>57</sup>.

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

No ser nacional, próximo da autenticidade da natureza, haveria portanto um maior ensinamento de modernidade. Através de uma propalada comunhão entre os homens e uma natureza autêntica é que Plínio Salgado opõe-se à idéia de uma sociedade governada por leis naturais, que pudessem reger os destinos dos homens impedindo a realização de um humanismo espiritualista bem como a harmonia da vida espiritual.

Parece-nos que ainda há algo mais na busca desse anteparo contra a onda de uma modernidade materialista. Plínio, como os românticos, temeroso da novidade, da criação, da realidade de um presente difícil de dominar, seduzido pela unidade, nega as diferenciações e a autonomia da cultura. Recusando as distinções - o que é finito - os românticos, lembra-nos Gerd Bornheim<sup>58</sup>, buscam o infinito absoluto.

Do exposto até agora, o que notamos é que a Nação surge aqui como um comunidade de homens que têm consciência de terem partilhado um passado histórico comum e de compartilharem uma mesma cultura, visualizada como uma totalidade harmoniosa. Nessa perspectiva orgânica e holística da cultura e da comunidade, a Nação, que Bhabha<sup>59</sup> denomina de uma metáfora progressiva da coesão social moderna é, ainda seguindo as reflexões desse autor, "os muitos como um". Em Plínio, ela é uma totalidade orgânica composta de índices de tradição histórica, de costumes, raça, caráter próprio, de espiritualidade, enfim, de forças morais, intelectuais e materiais. Essas são como as partes de um conjunto orgânico e, juntas, sustentam-se e suportam-se reciprocamente a Nação é, por isso, uma "expressão complexa e total dos homens". Como um todo indissociável e específico, a Nação é concebida tal qual uma mônada. Chegamos aqui à totalidade, conceito chave do saber romântico - cuja epistemologia<sup>60</sup> é uma epistemologia da totalidade - e conceito chave da ontologia da Nação de Plínio Salgado.

### NAÇÃO TOTAL E SOCIEDADE DE FAMILIAS

É com ênfase que Plínio vai se referir à Nação Total, ao Todo Nacional, dentro do qual os interesses municipais, estaduais, de classes, e dos indivíduos devem se submeter, dissolvendo-se. Esses elementos constitutivos do Todo nacional não podem se hipertrofiar sob pena dos seus interesses particulares destruírem a organicidade do Todo. Acima de tudo, segundo Plínio, devem pairar os interesses da Nação Total, pois é por ela que "subsistem os princípios integrais"<sup>61</sup> que fundamentam todos os interesses individuais. O equilíbrio social só é possível quando as ambições das partes anulam-se frente o predomínio da expressão da coletividade, ou seja, da Nação. Esta se manifesta através de duas expressões: a política, sempre subordinada aos fatores morais e tradicionais, aos fatores étnicos e aos fatores culturais; a econômica, subordinada aos fatores da produção e às circunstâncias qualitativas da produção na sua expressão regional. A expressão econômica, segundo Plínio, subordina-se à política "no sentido da finalidade nacional". A política, por sua vez, submete-se à econômica por não poder contrariar as realidades objetivas, tal como o fator geográfico. A harmonização de ambas resulta de sua fusão "numa política racional totalizadora dos fenômenos sociais do país". O princípio dessas subordinações escora-se, assim entendemos, na crença da hierarquia dos valores espirituais e materiais alçados por Plínio à condição de diretriz integralista, tal como expostos no seu *Integralismo Perante a Nação*. Nessa hierarquia funda-se o princípio e o exercício da autoridade onde prevalece "o Espiritual sobre o Moral, o Moral sobre o Social, o Social sobre o Nacional e o Nacional sobre o particular"<sup>62</sup>. O resultado maior dessa hierarquização está, no nosso entender, na representação do espaço social da Nação como um espaço conjuntivo, onde, ao invés de um pluralismo, deve vigorar a homogeneidade social e política.

Ora, nessa propalada união moral e sentimental, escorada sobre a identidade racial e pensada enquanto um vínculo orgânico, é o que, no nosso entender, no esquema pliniano, liga todos os brasileiros num corpo indissolúvel atado a um solo comum, o país. E a Nação, conquanto um Todo Orgânico, estrutura-se a partir de uma célula: a da família. Daí a afirmação de Plínio, no *Integralismo Perante a Nação*, de que "o integralismo compreende a Nação como uma grande sociedade de famílias, vivendo em determinado território, sob o mesmo Governo, sob a impressão das mesmas tradições históricas e com as mesmas aspirações e finalidades"<sup>63</sup>. A sua apologia da unidade nacional está no fato dessa repousar na "identidade das raízes étnicas, que fizeram de quarenta milhões de homens uma só família, perfeitamente caracterizada pelas suas tendências, pelos seus sentimentos e aspirações"<sup>64</sup>. Como na política romântica, a sugestão aqui

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

é de que a família é o indivíduo social autêntico. A sua origem biológica e moral fazem dela o nascedouro da vida social bem como alicerçam os vínculos entre o indivíduo e o Estado, entre o público e o privado. Por tudo isso ela se qualifica a compor o lema integralista, ao lado de Deus e da Pátria.

Penso que podemos, também, reconhecer aqui a idéia, recorrente no conservadorismo romântico, de que a Nação é uma grande comunidade e a pedra de toque da harmonia entre os indivíduos, cujo movimento tem que ser limitado dentro do todo, e que a família, ainda nessa mesma tradição de pensamento político, é, como já se disse, "a proto-forma do poder estatal"<sup>65</sup>. De novo, pensamos ver nessas reflexões de Plínio Salgado uma grande similaridade com formulações dos românticos nos oitocentos.

### CONCLUSÃO

Do que pudemos reter do empreendimento pliniano analisado até aqui, temos que a "Nação" de Plínio Salgado, nos seus escritos dos anos 20 e 30, é um constructo mítico, de caráter épico, forjado num momento da história brasileira onde a definição do caráter nacional brasileiro era um pré-requisito indispensável à escolha de modelos e estabelecimento de padrões, de sociabilidade política. O pensamento intelectual de Plínio Salgado, por essa razão, palmilha um terreno de idéias por onde transitam outros ensaístas de peso na vida intelectual do país, naqueles anos, então às voltas com o dilema de "uma nacionalidade sem consciência", no dizer de Vicente Licínio Cardoso<sup>66</sup>. Apesar de nem sempre de acordo, no plano dos encaminhamentos e soluções políticas propostas, são muitas as coincidências de seus diagnósticos para a construção de uma cultura nacional e para consolidar um perfil do "ser brasileiro".

A realidade mitológica mencionada foi fabricada dentro de um esquema analítico interpretativo fechado, fixo, retroativo a um ponto de origem, e, por isso mesmo, fadado na sua perspectiva romântica a enfraquecer a história, recusada enquanto eterno movimento, no seu desvio para a eterna natureza. O discurso sobre a Nação elaborado por Plínio Salgado tem que ser entendido como parte constitutiva da ideologia nacionalista do Integralismo então em gestação ao longo das décadas de 20 e 30, na sua versão pliniana. Esta ideologia tem por suporte uma mitologia nacional que se quer fundante de uma identidade para a Nação brasileira. Ela pressupõe: a absolutização de uma origem e de uma identidade histórica, a fidelidade a uma cultura ancestral, que legitima profética e messianicamente a defesa de uma única cultura nacional e popular; a fusão racial como fonte da coesão social e da força genesiaca do "povo brasileiro"; a recusa do "outro", "o estrangeiro" alojado na cultura européia, para preservar a personalidade da Nação.

Ao (re)definir uma idéia de Nação nos seus escritos, elaborando um conteúdo político para a idéia de um corpo coletivo, Plínio Salgado opera - acreditando ser possível instaurar um presente que seria também uma origem - pretendendo fazer do ato político de sua proposta de "revolução espiritual" um outro ato inaugural de um tempo novo, capaz de permitir a construção de uma comunidade política lastreada na identidade cultural, nas tradições nacionais, no passado, tornado história, e na sua abertura para o futuro. Nessa abertura para o futuro, é possível se visualizar uma utopia pedagógica no integralismo de Plínio Salgado. Sua missão educativa é modelar o povo, o povo novo para a Nação. Do seu esforço retórico de dotar o povo - a "comunidade" brasileira - pela via da sua idéia de Nação, de uma identificação social, Plínio Salgado recorre a uma história nacional mítica, cuja temporalidade é recortada por expressivos acontecimentos carregados de forte carga simbólica. Tal é caso do mito das três raças responsável pela nossa "fisionomia" e "qualidades" espirituais. Estas, uma vez originadas da fusão das três etnias, que resultaram na raça cabocla - afinal, as raízes do nosso espírito seriam caboclas - foram se transmitindo às gerações posteriores. Assim, a mitologia política da nacionalidade volta-se para a utopia pedagógica de Plínio, encontrando nela, como nos lembra bem Bronislaw Baczko<sup>67</sup>, sua inserção e intervenção. É esse encontro, entre uma mitologia nacional e uma utopia pedagógica, que vai avalizar o aceno a uma outra mitologia, a revolucionária, pela via do espírito. Pela utopia pedagógica, lastreada numa história nacional que narra as origens fundadoras, o nosso autor pretende fazer emergir um outro futuro, a ser construído pela sua "revolução espiritual".

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

A Nação e o povo, pensados por esses referenciais fundados no Romantismo, aprisionados a um passado imemorial, suposta raiz única à qual todos pertencemos e a uma herança de sangue viva em cada brasileiro, vão fornecer fundamentos ao indivíduo e à coletividade dentro de uma concepção totalitária do mundo e da vida política. Acreditamos que, por meio deles, poderão ser melhor compreendidos a noção e o significado da exaltação da "soberania popular" em Plínio Salgado, bem como as razões do seu apelo a uma constante mobilização popular, posta como garantia da disciplina dos movimentos e do correto direcionamento dos bons instintos do povo brasileiro; e a afirmação do princípio da igualdade de todos os cidadãos, presentes na doutrina integralista, e seu papel na consecução de uma sociedade una e indiferenciada.

O Romantismo foi uma chave para a decifração da psicologia de um povo que Plínio Salgado pretendeu conhecer para poder dirigir, escorando seus objetivos com a força genuína da nossa brasilidade curupira, e cadenciando-os pelo "ritmo bárbaro" da cultura nacional.

### NOTAS

\* O presente texto foi apresentado, na sua versão Inicial, na Third Brasa Conference, realizada no King's College, Cambridge University, 1996. Nesta versão final agradecemos a leitura e as sugestões de Ciro Flávio Bandeira de Mello e Heloisa Murguel Starling.

<sup>1</sup> A esse respeito ver: RÉMI-GIRAUD, Sylvianne et RÉTAT, Pierre. *Les Mots de la Nation*. Paris, La Découverte, 1995; NOIRIEL, Gérard. "Socio-histoire d'un concept. Les usages du mot "nationalité au XIX siècle". In *Dossier-Gêneses* 20, sept. 1995, pp. 04-23.

<sup>2</sup> SALGADO, Plínio. "Despertemos a Nação". In *Obras completas*. São Paulo, Ed. das Américas, 1955. De acordo com a avaliação do próprio Plínio Salgado, o valor deste livro estaria na sua condição de "documento histórico" para todos aqueles Interessados na sua biografia bem como em buscar subsídios para a história do integralismo brasileiro. A sua segunda parte é composta de treze artigos doutrinários, escritos para o Jornal *A Razão* a partir de 1931, e selecionados pelo autor para integrarem a obra em questão.

<sup>3</sup> SALGADO, Plínio. "Páginas de Ontem". In *Obras Completas. op. cit.* Nessa obra estão reunidos excertos de "A Doutrina do Sigma", "Páginas de Combate" e "Cartas aos Camisas-Verdes".

<sup>4</sup> SALGADO, Plínio. *O Integralismo Perante A Nação*. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, 1950. Esta obra, editada pela primeira vez em 1945, reúne textos, extratos de textos, e documentos de natureza diversa escritos entre os anos de 1932 e 1945 por Plínio Salgado e diversos outros autores.

<sup>5</sup> SALGADO, Plínio. *Compêndio de Instrução Moral e Cívica*. São Paulo, Ed. FTD, 1968.

<sup>6</sup> Em que pese o fato de não desconhecermos que o pensamento de Plínio Salgado tenha sofrido transformações ao longo das várias conjunturas posteriores a 1930, evoluindo na forma de uma revisão de alguns de seus pontos doutrinários, particularmente no tocante às suas afinidades com o fascismo - tal como é ressaltado por TRINDADE, Héglio. "Integralismo: Teoria e prática Política nos anos 30". In FAUSTO, Bóris. *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Tomo III, vol. 03, pp. 297-335 - não nos parece haver mudanças substanciais relativas à sua concepção de Povo/Nação tal como expressa no seu *Compêndio de Moral e Cívica*, em contraste com aquela manifesta nas décadas de 20 e 30. Ambas permanecem marcadas por um conteúdo cultural e romântico.

<sup>7</sup> Seguimos, no presente texto, a análise da obra desses autores, e de outros como Schelling e Fichte, tal como empreendida por ROMANO, Roberto. *Conservadorismo Romântico. Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Brasiliense, 1981. Também ver BORNHEIM, Gerd. "Filosofia do Romantismo". In Guinsburg, Jacob. *O Romantismo*. São Paulo, Perspectiva, 1978. Ainda sobre o romantismo: GUSDORF, Georges. *Fondements du Savoir Romantique*. Paris, 1982; GUINSBURG, Jacob (org.). *O Romantismo*. São Paulo, Perspectiva, 1978; LOWY, Michel. *Redenção e Utopia*. São Paulo, Cia das Letras, 1989 e *Romantismo e Messianismo*. São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1990.

<sup>8</sup> LOWY, Michel. *op. cit.*, 1990.

<sup>9</sup> Cito aqui os trabalhos de TRINDADE, Héglio. *Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo/Porto Alegre, Difel/UFRGS; CHAUÍ, Marilena de S. "Apontamentos para uma crítica da ação Integralista". In *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo/ Rio de Janeiro, Cedec/Paz e Terra, 1978; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988; CHASIN. J. *O Integralismo de Plínio*

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

Salgado. São Paulo, Livraria Ed. de Ciências Humanas, 1978; VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

<sup>10</sup> SALGADO, Plínio. "Despertemos...". *op. cit.*, p. 59-68.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 59.

<sup>12</sup> *Idem*.

<sup>13</sup> De fato, a obra dos românticos indianistas esteve no centro do processo de construção de uma identidade no Brasil do século XIX. Uma rica e interessante análise sobre a construção de uma idéia de Nação no Brasil foi realizada por CARVALHO, José Murilo. "Brasil: Nações Imaginadas". In *Pontos e Bordados*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998. Nesse ensaio o autor destaca como Gonçalves Dias e José de Alencar, principalmente, teriam desenvolvido "o mito do índio como o símbolo por excelência da Nação, como sua representação mais autêntica". Sobre origem e fundação da nacionalidade nos narradores românticos e o lugar de Peri na construção ficcional de um passado histórico nacional em José de Alencar ver SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é Longe Daqui. O Narrador, a Viagem*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

<sup>14</sup> No ensaio intitulado "Política e Letras". In *À Margem da História da República*. CARDOSO, Vicente Licínio(org.). Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massanguana, 1990, 3ª ed., pp. 209-255.

<sup>15</sup> No caso desse autor, a sua obra talvez contivesse uma dimensão trágica, tal como denominada por Plínio Salgado, por antecipar, segundo esse último, o conceito Integral de nacionalidade, como uma "profecia sobre o drama pelo qual passa a autoridade do Estado democrático, entre dois perigos iminentes; o do estatismo absoluto e o do liberalismo depauperante, aniquilador". Alberto Torres, ainda de acordo com Plínio, teria cometido "o pecado da unilateralidade" ao tratar certos aspectos do problema nacional. Ver: "Despertemos...". *op. cit.*, pp. 155-156.

<sup>16</sup> Essa expressão, bem como a idéia de que na versão de Iracema se inscreve o tema da diferenciação cultural, está trabalhada em Lúcia Helena (sic) "Nação, Narração, Fundação: José de Alencar e Machado de Assis". In *Cânones & Contextos. Anais do 5º Congresso da ABRALIC*. Rio de Janeiro, UFRJ, vol. 01, jul./ago. 1996, pp. 493-496.

<sup>17</sup> Conforme a análise de HARDMAN, Francisco Foot. "Brutalidade Antiga: sobre história e ruínas em Euclides". In *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, vol. 10, nº 26, jan./abr. 1996, pp. 293-310. Nesse texto o autor aprofunda uma polaridade da obra de Euclides, a saber, seu Romantismo de base hugoniana.

<sup>18</sup> SALGADO, Plínio. "Despertemos...". *op. cit.*, p. 67.

<sup>19</sup> ATHAYDE, Tristão, "Política e Letras". In CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À Margem da História da República*, p. 211. Também Sérgio Buarque de Holanda vai usar a categoria bovarismo ao se referir ao "Invencível desencanto em face de nossas condições reais". Ele qualifica o bovarismo nacional, difundido, segundo alguns, no Brasil Imperial, de "grotesco e sensaborão", lembrando que esse mal não diminuiu com o tempo. ou seja, com a república. Apenas a "nossa sensibilidade aos seus efeitos" é que teria diminuído. O novo rumo no qual o país deveria entrar, de acordo com a propaganda republicana, pressupunha que o Brasil "se envergonhava de si mesmo, de sua realidade biológica". Assim, continuamos a nos imaginar diferentes do que somos. Ver: BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1994, pp.124-125. Sobre o aprofundamento desse tema em Sérgio Buarque ver: Eliana Mello Souza. Relatório de Atividades de Pesquisa. Araraquara, Departamento de Sociologia, FCL-UNESP (mimeo).

<sup>20</sup> ATHAYDE, Tristão de. *Op. cit.*, p. 211.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 231.

<sup>22</sup> SALGADO, Plínio. "Despertemos...". *op. cit.*, pp. 42-43.

<sup>23</sup> No seu Bases da Nacionalidade Brasileira. In *À Margem da História da República*. *op. cit.*, pp.179-198.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 44.

<sup>25</sup> SALGADO, Plínio. "Despertemos...". *op. cit.*, p. 64.

<sup>26</sup> Ver Romano. *op. cit.*.

<sup>27</sup> SALGADO, Plínio. *op. cit.*, pp. 30-53. Este texto é na realidade uma conferência, à qual Plínio atribuiu um valor histórico, de um lado, por assinalar uma nova expressão de nacionalismo, em direção ao campo político e social e de outro, por ter dado Início à sua campanha nacionalista. Por isso seu texto foi escolhido pelo autor para a abrir o volume.

<sup>28</sup> *Idem*, pp. 57-60.

<sup>29</sup> Ver "Peuple, Nation: histoire et enjeux des mots". In NOIRIEL, Gérard. *Population, immigration et identité nationale en France. XIX<sup>e</sup> - XX<sup>e</sup> siècles*. Paris, Hachette, 1992.

## REVISTA BRASILEÑA DE HISTORIA

- <sup>30</sup> Pensamos que a força do pensamento romântico na obra de Plínio Salgado afasta-o de um alinhamento com as teorias racialistas cujos aportes científicos defendiam a superioridade das raças e, por consequência, a inferioridade do brasileiro, tido como preguiçoso e incapaz. A sua "eucaristia de sangue de todas as origens" era certamente incompatível com as idéias de um Gobineau. Aliás, ele afirma que as idéias de inferioridade atiradas às costas dos brasileiros, seria culpa de uma linguagem que não é brasileira, sendo "reflexo das teorias e doutrinas raciais dos Wallaces, dos Gobineaus, dos Nietzsche, nossos inimigos". In SALGADO, Plínio. *Despertemos...* op. cit., p. 120. Ultrapassaria, no entanto, os limites deste texto uma análise mais detida do pensamento e das implicações políticas do pensamento de Plínio acerca desse ponto.
- <sup>31</sup> SALGADO, Plínio. "Compêndio de Instrução...". op. cit., pp. 62-64.
- <sup>32</sup> Idem.
- <sup>33</sup> BHABHA, Homi K. "Dissemination: Time, narrative and margins of the modern nation". In *Nation and Narration*. London/New York, Routledge, 1990, pp. 291-322.
- <sup>34</sup> SALGADO, Plínio. *Compêndio de Instrução...*, op. cit., p. 63.
- <sup>35</sup> Ver NOIRIEL. op. cit., p. 15.
- <sup>36</sup> Citado por SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 64.
- <sup>37</sup> Conforme análise de Noiriél, Gérard. op. cit., pp.17-18.
- <sup>38</sup> SALGADO, Plínio. "Compêndio de Instrução...", op. cit., pp. 65-70.
- <sup>39</sup> Conforme PERRONRE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1982, p. 14.
- <sup>40</sup> CARVALHO, Ronald de. op. cit., pp. 179-198.
- <sup>41</sup> Isto porque o Brasil teria sido governado por idéias e teorias estrangeiras Incapazes de compreender a terra, a gente e o sentido da evolução do povo brasileiro. Daí o fato desses governos serem qualificados por Plínio de "plantas exóticas" sem consonância com o espírito e as realidades nacionais. Ver SALGADO, Plínio. "Despertemos...", pp. 116-123 e 151-156
- <sup>42</sup> Idem, p. 57.
- <sup>43</sup> Idem, p. 37.
- <sup>44</sup> Idem, p. 52.
- <sup>45</sup> Idem, p. 116.
- <sup>46</sup> ROMANO, Roberto. op. cit., p. 79.
- <sup>47</sup> Ver SALGADO, Plínio. "Despertemos a Nação", op. cit., p. 163
- <sup>48</sup> Ver SALGADO, Plínio. "Páginas de Ontem", op. cit., p.179
- <sup>49</sup> SALGADO, Plínio. In "Despertemos a Nação", op. cit., p.113
- <sup>50</sup> Ver SALIBA, op. cit., p. 62.
- <sup>51</sup> SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*, op. cit., p. 89.
- <sup>52</sup> CARVALHO, Ronald de. op. cit., p. 197.
- <sup>53</sup> ATHAYDE, Tristão de. op. cit., pp. 210-211.
- <sup>54</sup> Idem, p. 94.
- <sup>55</sup> Idem, p. 95.
- <sup>56</sup> GUSDORF. op. cit., p. 428.
- <sup>57</sup> SALGADO, Plínio. "Despertemos a Nação", op. cit., pp. 49-50.
- <sup>58</sup> BORNHEIM, Gerd. op. cit., p. 75.
- <sup>59</sup> BHABHA, Homi K. op. cit.
- <sup>60</sup> GUSDORF, Georges. op. cit., p. 400.
- <sup>61</sup> Ver p. 139 e ss.
- <sup>62</sup> Ver SALGADO, Plínio. op. cit., 1950, p. 33.
- <sup>63</sup> Idem, p. 34.
- <sup>64</sup> Idem, p. 34.
- <sup>65</sup> ROMANO. op. cit., p. 87.
- <sup>66</sup> CARDOSO, Vicente Licínio. op. cit., p. 13.
- <sup>67</sup> Ver BACZKO, Bronislaw. "Utopia". In *Anthropos-Homem. Enciclopédia Einaudi*. vol. 05, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985 e também do mesmo autor "Lumières et Utopies. Problèmes de Recherche". In *Annales*. n° 02, 1971, pp. 355-386.

Artigo recebido em set./98 aprovado em dez./98